

O CRUZEIRO

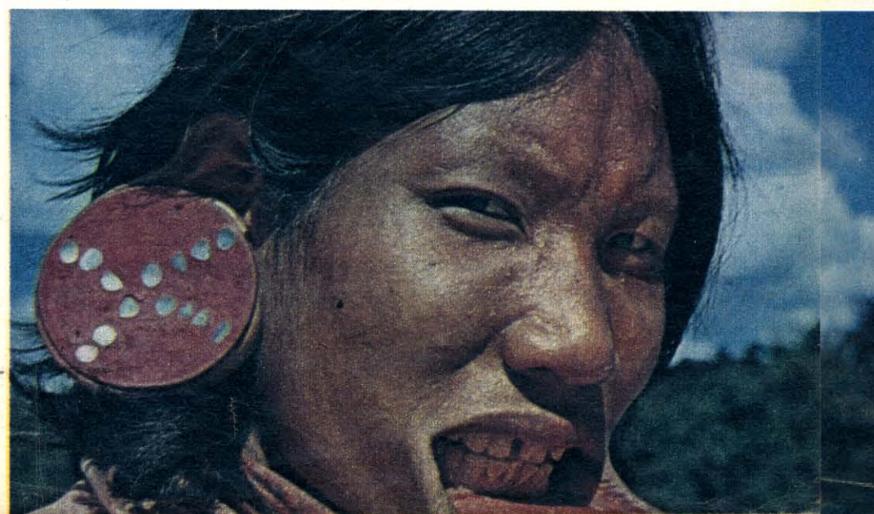
Viagem do homem branco
ao encontro dos Beijos-de-Pau
— os antropófagos
dos confins de Mato Grosso

NA TERRA ONDE O TEMPO NÃO PASSA

Texto de FRANCISCO NÉLSON / Fotos de RONALDO CAMARA



O mês de maio de 1969 marcou a partida de duas expedições. Eram missões arriscadas. Levavam seus participantes a regiões igualmente desconhecidas e inexploradas. Elas resumem, irônica e, os contrastes da evolução da civilização. Uma, televisada e irradiada, está nas capas das revistas do mundo inteiro. Partia rumo à Lua. Outra, ao interior de Mato Grosso. Lá, entre os rios Arinos e Sangue, é a região dos Beijos-de-Pau. A 560 quilômetros de Cuiabá, um estágio de civilização anterior à Pedra Polida. Maio de 1969: **duas** expedições partiram. Antropófagos na Era Espacial.



A roda de madeira no lábio inferior é um enfeite exclusivamente masculino. O lábio do adolescente é furado e uma pequena rodela é colocada. Assim que cicatriza aumentam sucessivamente o tamanho da roda. Nas orelhas, as argolas são usadas tanto por homens como por mulheres.

BEIÇOS-DE-PAU

O resfriado de Hedyll tinha que ser isolado para não matar os Beiços-de-Pau

Quando foi convidado, em fevereiro de 1969, para substituir o padre Iasi que, após ser flechado, desistira da tarefa de "pacificar" os Beiços-de-Pau, o sertanista João Américo Peret aceitou imediatamente. Ele confiava em sua experiência, adquirida em 23 anos de conhecimento de selvas. O fracasso dos "pacificadores" não era uma soma de episódios acidentais e sim o erro de uma filosofia de trabalho. Um erro no qual ele jamais incorreria porque sabe exatamente o preço a ser pago. Foi ele quem, em novembro do ano passado, encontrou os primeiros corpos da expedição do padre Calleri, trucidada pelos Atroaris.

Enquanto preparava seu plano de trabalho, Peret sobrevoou a região e contou 11 aldeias. De algumas delas jogaram flechas em seu avião. Calculou aproximadamente em mil o número de índios e apresentou um orçamento de NCr\$ 25 mil à FUNAI. De posse desta verba, começou os preparativos para a missão. Após efetuar as compras necessárias em Cuiabá, Peret partiu definitivamente no dia 11 de maio. Uma semana depois fomos ao seu encontro.

MOSQUITO NÃO LÊ JORNAL

De Cuiabá às margens do rio Arinos são 8 horas de viagem. 330 quilômetros de estrada só transitável por caminhão ou veículos com tração nas quatro rodas. Mesmo assim com algum risco, porque a estrada fica frequentemente obstruída por árvores que caem em seu leito, por onde costumam passar macacos e gatos-do-mato.

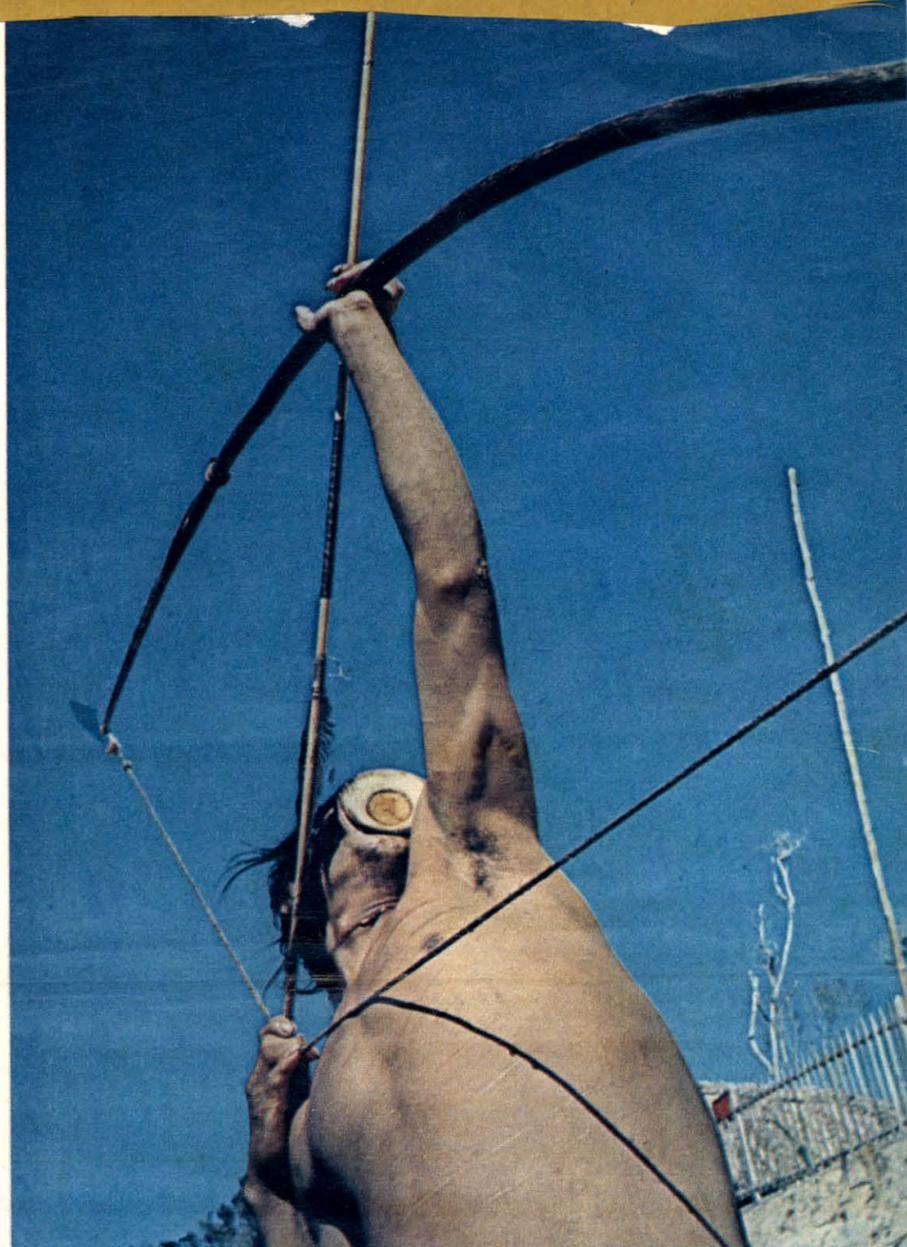
O "pôrto" fica à margem esquerda do rio Arinos, 400 metros antes da confluência com o rio Parecis. Trata-se de um pequeno depósito e uma casa, onde seu Edésio mora com a família. Hospeda freqüentemente o enfermeiro Jayme, já que é o único centro de atendimento de toda a região, por sinal, um dos maiores focos de malária do País. Desde que ali chegou, há 6 meses atrás, Jayme já atendeu a mais de 80 casos, tendo inclusive contraído a doença. Ele riu muito ao saber que fontes ligadas ao Ministério da Saúde haviam divulgado, um mês atrás, que a malária estava completamente erradicada do País.

— O diabo é que eles esqueceram de avisar isso aos mosquitos.

RIO ABAIXO

Do "pôrto" de seu Edésio ao local onde está instalado, provisoriamente, o posto de Peret, são 230 quilômetros rio abaixo. Mais de um dia e meio de viagem. O barco tem um motor Austin de 6 cilindros e capacidade para 7 toneladas. A carga de colchões, cadeiras, óleo, gasolina e víveres será levada para Pôrto dos Gaúchos, município de cerca de mil habitantes, 600 quilômetros ao norte.

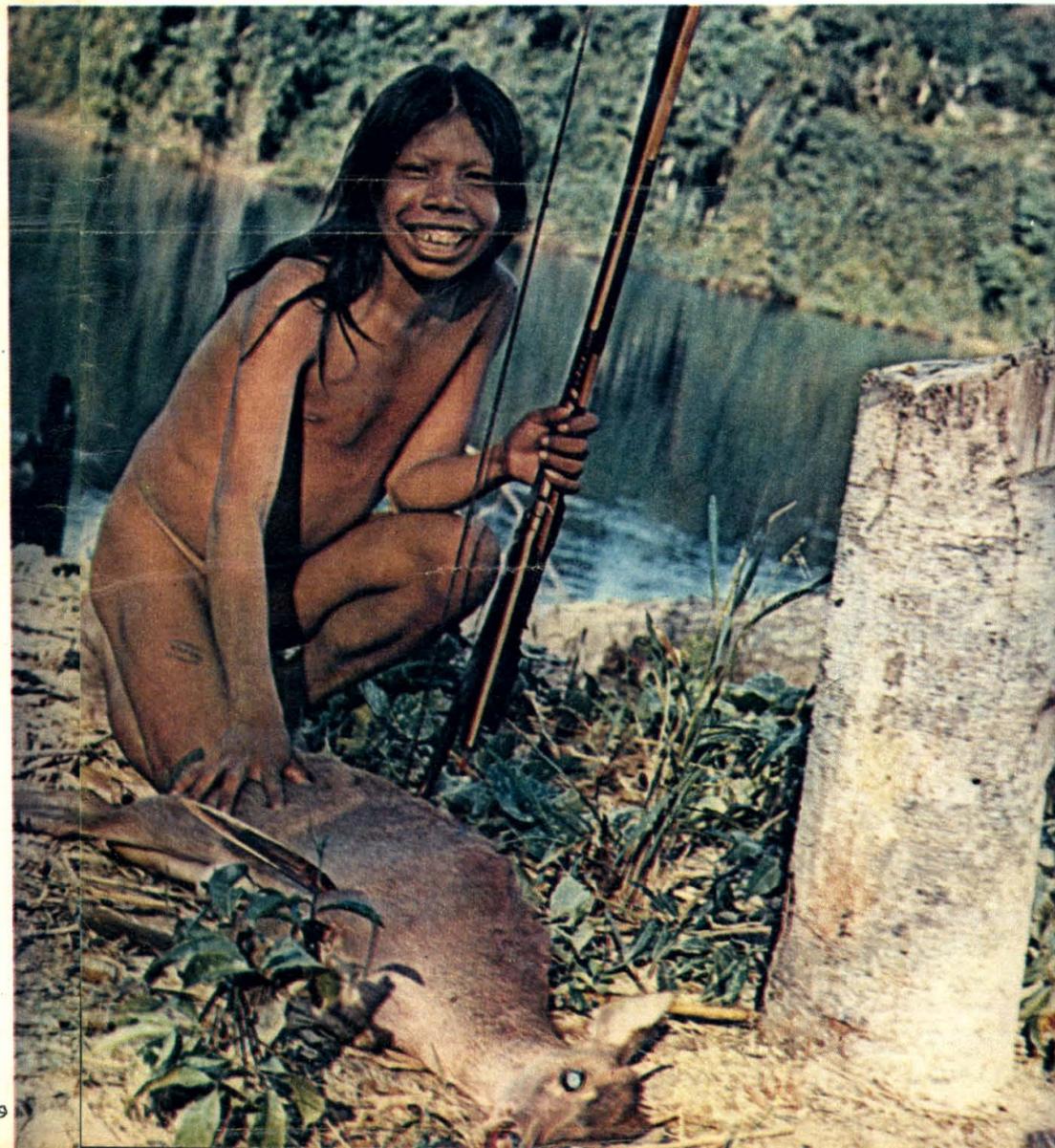
O comandante Cândido Murimã conhece todos os segredos do rio, suas pedras e corredeiras. É um índio Apiacá, tribo do sul do Pará, que há muitos anos faz essa viagem. A região não tem mistérios para



Os Beiços-de-Pau, como os que vivem de uma economia de exploração, precisam de regiões imensas para a caça e a coleta de alimentos. A expedição iniciou-os nos trabalhos da terra.



E pela primeira vez eles seguraram uma enxada, começando perto do acampamento uma pequena plantação de mandioca. Até perceberem a importância da lavoura, no entanto, passarão muitas luas.



êle. Medo? "Não senhor; só mesmo do morocochô." Copelobo ou morocochô é um animal meio lendário na Amazônia. Seria um espécime raríssimo, cuja existência real costuma ser posta em dúvida. É descrito como um tipo de macaco cabeludo, de 1,60 m de altura e que grita como um ser humano. Ferocíssimo, expêe ainda, como arma de defesa, um cheiro terrível. Seu grito é comumente confundido com o de caçadores perdidos. Cândido diz que foi o que ocorreu com seu pai. Ouviu o grito e respondeu.

— Foi obtendo respostas cada vez mais próximas até se encontrar com o bruto. Ai o bicho passou correndo e êle morreu da catíngã. Vomitou um dia e uma noite até morrer.

Assim que anoitece o barco pára. Cândido, a mulher, a filhinha e Gaúcho, o copilôto, dormem no interior. O resto do pessoal vai para o teto. Somos sete a brigar por um lugarzinho melhor. Jean Périé, um francês, meio fotógrafo, meio aventureiro, que anda por aí correndo o mundo, Tarcísio Baltar e Rubens Barbosa, do "Jornal do



Brasil", Hedyll Valle Jr. e Walter Firmo, da "Fatos e Fotos", Ronaldo e eu. A umidade é terrível. De manhã estava todo mundo encharcado como se houvesse dormido dentro d'água. A malária começa a fazer vítimas indiretas. O remédio tomado contra ela ataca violentamente o fígado.

O PÔSTO

Começando a clarear, o barco parte. Em marcha batida chega ao posto ao escurecer. Localizado na antiga sede da fazenda ABC, êle é constituído de quatro barracos cobertos de palha. Lá estão os componentes da "operação Beiço-de-Pau". Além de Peret, são êles: Fritz Tolksdorf, seu auxiliar direito; João Oliveira, operador de rádio e enfermeiro; Antônio Campinas, o Pará; seu José, sua mulher, D. Edna, e seus filhos, Mário, de 18 anos, Francisca, de 15, e Francisquinho, de 9. A êsses homens cabe a tarefa de concretizar as relações entre os brancos e os Beiços-de-Pau. Eles estão quase sôzinhos nesta missão. Quase. Porque o fantasma da expedição Calleri é uma presença muda, mas constante.

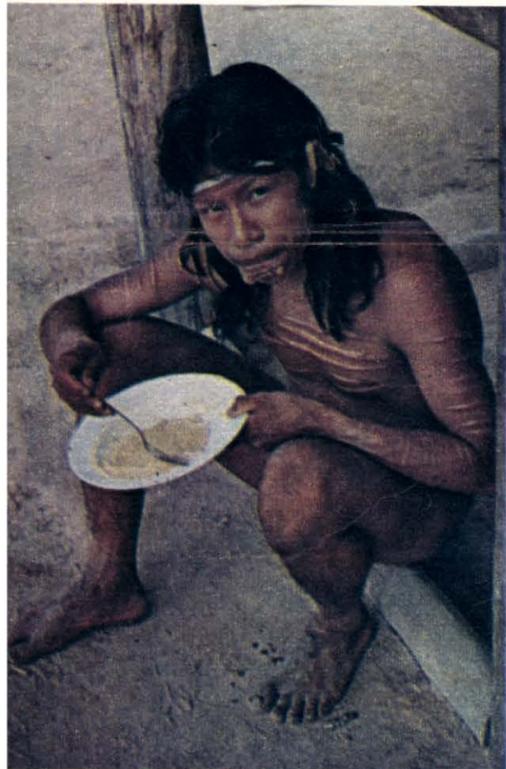
Havia também três índios no posto, que tinham saído para pescar. Já era noite quando voltaram. Sua curiosidade a nosso respeito não tem limites. Examinavam-nos como a animais estranhos num zoológico. Afinal de contas êles estavam tentando fazer a nossa pacificação. Sua atenção se concentrava principalmente em nosso corpo. Ficam muito admirados com a existência de pêlos, que êles não têm. Como estamos vestidos, não sabem distinguir, de saída,

nosso sexo. Para isso, ficam nos apalpando à procura de um órgão identificativo.

A primeira noite passada no pósto foi tumultuada pela presença de duas aranhas caranguejeiras descobertas em nossa cabana. Essa média foi mantida até o último dia de nossa permanência. Era sempre o mesmo ritual. Examinar detidamente cada pedaço de rede e de tronco antes de deitar. Do cuidado da inspeção ia depender o fato de você acordar ou não no dia seguinte. Parecia o culto de alguma estranha religião aquele grupo de homens passando a lanterna vagarosamente para lá e para cá. Terminada a inspeção, começava a operação Repelex (repelente contra mosquito). A lanterna era substituída pela lata de spray e começava tudo de novo. E apesar de todo esse cuidado, na manhã seguinte acordou-se inchado das picadas. O que levou Rubens a uma filosófica indagação: "O que será que eles comem quando a gente não está aqui?"

CONTATOS ANTERIORES

Fritz Tolksdorf, que auxilia Peret nesta missão, é um alemão de 53 anos, de gestos cal-



Eles foram chegando, tímidos. Trocados os primeiros presentes, ficaram desconfiados. Depois, aos poucos, começaram a jogar bola, a cantar e a dormir nas malocas construídas perto de nós

os dois foram companheiros de andanças por todo o norte de Goiás e Mato Grosso. Conheceu a vida dos índios e apaixonou-se por ela.

— E, e vou morrer por aqui, com eles. Casar? Nunca tive tempo. Sabe, minha família é grande demais.

O trabalho atualmente realizado com os Beißos-de-Pau, Fritz já fez com os Cajuibis e os Canoeiros. Ele conhece detalhadamente a história dos contatos anteriores que os brancos já tiveram com os Beißos-de-Pau. E eles foram marcados por uma série de incidentes hostis que começaram em 1953, quando Benedito Bruno, latifundiário da região, dizimou grande parte da tribo dando-lhes, de presente, sacos de açúcar com arsênico. Seringueiros ou capangas contratados pelos grandes proprietários incumbiram-se de manter hostis estes contatos, abatendo a bala os índios que cruzavam seu território de ação. Os índios, por sua vez, passaram a flechar todas as embarcações que navegavam pelo Arinos ou seus afluentes.

Em 1959, agrimensores tentavam entrar na região e Fritz veio policiar seu serviço. Numa de suas entradas encontrou dois índios adultos e três jovens, que se aproximaram pacificamente. Chegaram a começar uma troca de presentes, quando um caçador atirou ao longe e os índios correram. Fritz comunicou o fato ao extinto Serviço de Proteção aos Índios, mas recebeu a resposta de que não havia verba para continuar o serviço. "Dinheiro havia. Essa verba chegou a sair, mas nunca apareceu por aqui. Sumiu completamente" — afirma.

Dai até 1967 nunca mais se conseguiu nada de positivo. Foi quando padre Adalberto, salesiano de Diamantina, foi autorizado pelo SPI a tentar os contatos. Trazia dois índios pacificados para ajudá-lo na missão. Numa de suas andanças encontrou uma picada e seguiu direto para a maloca. Acha que pelo fato de ser um padre estava a salvo. Ao tentar entrar foi flechado na barriga. Mas ainda não foi desta vez que o homem desistiu. Voltou no fim do ano com outro padre, Iasi. Foram os dois flechados. Pouco tempo depois Fritz e Cândido subiram o rio numa canoa, quando os índios apareceram. Deram presentes e deixaram comida. Estavam reatados os contatos. Mas as hostilidades ainda não estavam definitivamente superadas. Em meados de 1968, os Beißos-de-Pau apareceram nas imediações da fazenda Iporanga. Um dos mora-

mos e fala mansa. Foi um dos primeiros homens brancos a ver um Beißo-de-Pau. Quando veio para o Brasil, em 1935, era um jovem desgostoso com os rumos que as coisas tomavam em sua terra, com a subida de Hitler ao poder, e entusiasmado com a possibilidade de aventuras. E foi o que não lhe faltou em todos esses anos de convívio com a selva e sua gente.

Assim que chegou, Fritz tentou tomar parte na expedição de um suíço que pretendia conhecer os índios brasileiros. Não foi aceito. Resolveu então partir por sua conta e risco. Conheceu, na região onde hoje está o Parque Nacional do Xingu, um índio Calapalo, cujo grupo havia sido dizimado. Fritz tratou dele e, durante dois anos,





O exame, atento, da barba de Chico Nelson.

dores atçou o cachorro contra eles. Não teve tempo de morder ninguém. A flecha foi mais ligeira. E a segunda veio na barriga do dono.

A atual fase de entendimentos começou em janeiro de 1969, quando eles começaram a rondar a sede da fazenda ABC. Ainda não se animavam a chegar. João, Adão, seu José e sua família eram os únicos moradores. O clima de tensão era enorme. Principalmente depois que, em fevereiro, flecharam a canoa de Mário, filho de seu José, rasgando sua camisa e matando seu cachorro, que foi comido.

Em março, os primeiros índios chegaram até a sede. Gritaram chamando, lá de fora. Seu José e João foram encontrá-los. "Eu tremia como numa crise de maleita" — conta João. "Eram só dois. No dia seguinte vieram seis. Na semana seguinte eram sessenta e três. Levaram toda minha roupa. Fiquei completamente nu". Eles comunicaram o fato, pelo rádio, ao dono da fazenda, em São Paulo. Este avisou à FUNAI, que encarregou o sertanista Peret de dirigir-se ao local e começar os trabalhos.

DEMISSÃO PELA FUGA

As 9h30m do dia 20 de maio chegaram mais dois índios. Era nossa primeira manhã passada entre os Beißos-de-Pau. Metade do pessoal saiu para buscar palha. Ronaldo e Mário saíram para caçar, em companhia de dois índios. Trouxeram uma jacutinga que foi devidamente preparada para o jantar. À tarde passou uma barca. O passageiro ia a um lugarejo, 600 quilômetros ao sul, à procura de empregados que substituíssem os cinco que haviam fugido na semana anterior. A fuga é o meio mais comum que um empregado tem de pedir demissão naquela região. O fenômeno é o mesmo que se observa em muitas outras partes do interior do Brasil. O proprietário das terras vende ao empregado as ferramentas e a alimentação necessária ao seu sustento durante o primeiro mês de sua estada. Isso será pago em trabalho, de forma que o salário a que ele teria direito fica retido como pagamento de seu débito anterior. Mas acontece que durante o mês seguinte ele precisa comer,

Cicatrices. Os enfeites do bravo guerreiro.



BEIÇOS-DE-PAU

e assim contrai novas dívidas que novamente farão com que seu ordenado fique retido. O negócio funciona como um ciclo vicioso, no qual o empregado está sempre devendo ao patrão. Está prêso ao emprêgo. A única forma possível de romper o ciclo é fugir para a selva. Quilombos de escravos brancos.

Quando se conhece este tipo de relação mantida entre os proprietários de terras e seus empregados brancos, pode-se calcular o que foram, em todos estes anos, suas relações com os índios.

Depois do jantar, Rubens e Ronaldo foram pescar com Pará e dois índios. Tudo estava calmo. A excitação que os índios demonstraram durante todo o dia foi diminuindo com o pôr do sol. Os olhares insistentes em direção a determinada região da selva foram diminuindo. Peret explica que eles estavam esperando a chegada de companheiros que não vieram até o anoitecer e que provavelmente só chegariam na manhã seguinte.

OBJETIVOS DA EXPEDIÇÃO

João Américo Peret nasceu no Acre, em 1926. Sua experiência de selva começou em 1947 com uma viagem de dois anos pelo Araguaia. Antes foi piloto comercial e mecânico da Cruzeiro do Sul, até que sofreu um acidente e perdeu parte dos movimentos da mão direita. Além de vários serviços prestados ao SPI foi caçador profissional e guia de turistas.

Em novembro do ano passado, já como funcionário da FUNAI, foi designado para ver o que tinha realmente ocorrido com a expedição do padre Calleri. No dia 24 sobrevoo de Catalina o local do desaparecimento. Dois dias depois desceu na aldeia que os índios já haviam abandonado, conseguindo localizar objetos que indicavam cenas de violência. No dia 30, voltou a descer no local e encontrou a trilha que levava à expedição. Os esqueletos foram encontrados. No dia 2 de dezembro o relatório havia sido concluído: expedição trucidada. "Acredito que o massacre foi motivado por invasão territorial e domiciliar."

O verdadeiro objetivo da expedição Peret não é o de pacificar os Beißos-de-Pau, já que eles nunca estiveram em guerra. O que acontece é que eles ocupam uma imensa área, que tem sido negociada entre brancos. Com os incentivos fiscais concedidos pelo governo aos proprietários de terras na região da Amazônia legal, os investidores foram atraídos a especular com o território dos Beißos-de-Pau. O Ministério do Interior foi obrigado a expropriar 1.200 mil hectares, que foram transformados em reserva da União. O objetivo da FUNAI é verificar o número exato de índios e calcular a área que eles precisam para sobreviver.

Como todos os povos que vivem de uma economia de exploração, os Beißos-de-Pau precisam de regiões imensas para a caça e a coleta de alimentos. Assim, o outro objetivo da expedição é ensinar aos índios o cultivo de cereais e a criação de animais. Com isso, sua necessidade de terras ficaria reduzida e as áreas que sobrassem seriam liberadas.

AS FERAS

Como Peret havia previsto, os índios realmente chegaram ao amanhecer. Eram dois casais com três crianças e mais uma viúva com uma filha. Os viúvos podem ser identificados pelos cabelos cortados. A confiança ainda não vai a ponto de trazerem armas até o posto. Elas ficam escondidas pelas imediações para qualquer eventualidade. Meia hora depois chegam 5 rapazes. Um deles tem o corpo coberto de cicatrizes.

Fritz explica que são feitas com dentes de quati. Trata-se de adorno para guerreiros.

Hedyl pegou um resfriado fortíssimo. Se ele não fôr isolado imediatamente, nossa matéria se transformará em: "Como exterminamos os Beißos-de-Pau". Uma epidemia de gripe entre eles seria um verdadeiro massacre. Se não melhorar, teremos que construir uma cabana para ele do outro lado do rio. O barco irá levar-lhe comida e buscá-lo à noite, quando os índios tiverem ido dormir.

À tarde, jogamos uma pelada. Foi a primeira vez que eles viram uma. Acharam gozadíssimo. Ensalaram seus primeiros chutes. Foi um sucesso tão grande que nunca mais conseguimos jogar tranquilos. Assim que uma bola rolava aparecia índio de todo canto. Nas peladas seguintes jogavam três de cada lado, e os índios no meio chutando tudo em qualquer direção. E tem mais: no melhor estilo de futebol-fôrça. João Saldanha iria vibrar com as feras. Subia bola, banco, raiz de árvore... Apenas um deles chegou a sofisticar um pouco seu estilo. Corria de lado para a bola, com as mãos cruzadas à frente. Mas isso somente depois que, num lance junto ao gol, acertei-lhe uma bolada de mau jeito, um pouco abaixo do estômago. O coitado jogava nu...

DANÇAS E CANTOS

A noite, eu e Firmo cantávamos um sambanêdo e batucávamos num caixote, quando alguns índios se aproximaram. Ficaram calados, prestando uma tremenda atenção. Parece que gostaram muito e resolveram aderir. Sua musicalidade é impressionante. Reproduziam trechos enormes com bastante semelhança. Depois resolveram prestigiar os artistas da casa e começaram a cantar canções tribais. Gravamos e botamos a fita para eles ouvirem. Quase fundiram a cuca. Todo mundo queria cantar no gravador. O sonho de ser artista invade as margens do Arinos. O diabo é que alguns quase comiam o microfone.

Brincar de roda foi outra grande diversão para os índios. Velhos, rapazes, mulheres com as crianças no colo, todos nós de mãos dadas num interminável atirei-o-pau-no-gato. Num dos *miaus* quase perco de vez a orelha: o velho que me dava a mão insistia em brincar com o facão debaixo do braço.

Na noite de quinta-feira Ronaldo saiu com Pará na esperança de caçar alguma coisa. Para alegria geral apareceram na sexta de manhã trazendo uma enorme anta. A bala de Ronaldo atravessou-lhe o coração. Comer carne era uma festa. Peret e Mário fazem os preparativos. Um grupo de índios vai voltar para sua aldeia e eles vão tentar seguir juntos. Partiram depois do almoço. O dia foi bastante tenso. A ida à maloca é o passo decisivo. Nunca um homem branco foi até uma delas. Só dois tentaram. A lembrança das flechas na barriga dos padres Adalberto e Iasi não é muito tranquilizadora. A partida parece meio precipitada. Ainda não era o momento. Nessa noite ninguém dormiu. Ainda mais depois de conversarmos com Fritz, que disse que achava que Peret não ia conseguir. As rédes balançaram a noite inteira. O fantasma da expedição Calleri acampou junto conosco.

Nós almoçávamos, no dia seguinte, quando Peret voltou. Não tinha sido bem sucedido. Os índios não o deixaram acompanhá-los. Mandaram-no voltar do meio do caminho. Ainda não seria desta vez.

BEIÇOS-DE-PAU

O número de Beißos-de-Pau existentes é calculado em cerca de mil. Onze de suas al-